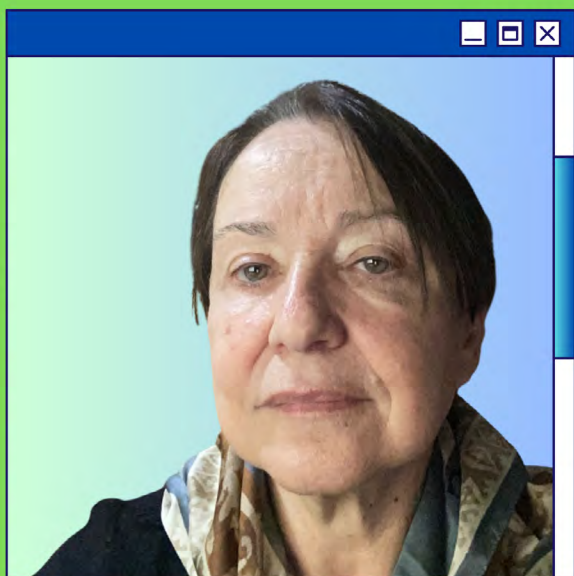


Tecnobiografia



# **VERA Lúcia MENEZES de Oliveira e Paiva**



# **VERA Lúcia MENEZES de Oliveira e Paiva**



## Tecnoapresentação

Há pelo menos três décadas, temos contato com estudos que se debruçam sobre as relações entre linguagem e tecnologias, buscam compreender como as tecnologias digitais influenciam nossa vida, mas também a educação, os letramentos, a comunicação e muito mais. Há muito tempo lemos os textos e livros publicados por pesquisadoras e pesquisadores absolutamente fundamentais para nossas reflexões, na maioria das vezes em obras derivadas de investigações científicas ou artigos formatados conforme as normas da ABNT, em linguagem acadêmica. Nesta série de livros, resolvemos conhecer um pouco as pessoas por trás dos pesquisadores e pesquisadoras, livros e artigos. Como foi o primeiro contato desses professores e professoras com computadores, smartphones, aplicativos? Quando isso aconteceu e por quê? Que relação essas pessoas mantêm com as tecnologias e como chegaram à conclusão de que dedicariam muitos anos de suas vidas à investigação científica de temas e objetos tecnológicos? Nossa curiosidade biográfica nos levou então a fazer um convite a alguns docentes Brasil adentro. Nosso pedido era simples: conte-nos sua vida com as tecnologias digitais? Como tudo começou? Quais foram suas primeiras impressões? O que você sentia? Conte isso em linguagem livre; são permitidos afeto e memória.

Bem, a série Tecnobiografias nasceu assim e estamos felizes por realizá-la no âmbito de uma parceria entre o projeto de extensão (núcleo de atividades formativas em Letras/Edição) Aula Aberta e a LED, editora laboratório do nosso bacharelado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Vale dar uma boa olhada na página de crédito destes livros, onde explicitamos a enorme equipe de estudantes e professores envolvida nesta empreitada editorial, vale dizer estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação.

O primeiríssimo convite para escrever uma autotecnobiografia foi à professora Vera Menezes, da UFMG, pioneira em estudos de linguagem e tecnologia, referência sobre o assunto na Linguística Aplicada e áreas conexas. A ideia de trabalhar com tecnobiografias nos chegou por meio dela, e assim, o feitiço abraçou a feiticeira. Para nossa alegria, a professora Vera aceitou nosso convite imediatamente e foi rápida na entrega do texto original.

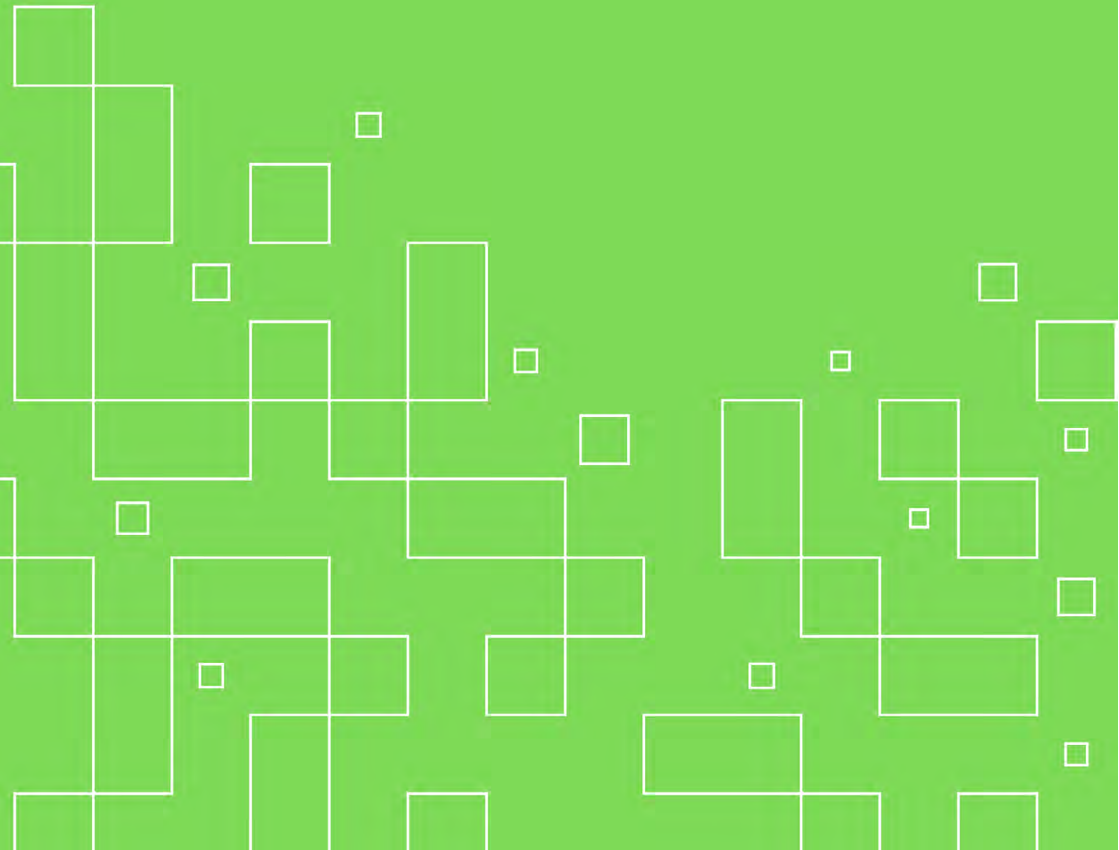
Na sequência, chamamos outras pesquisadoras e outros pesquisadores de linguagem e tecnologia, que nos ajudarão a realizar uma série de deliciosas tecnobiografias escritas por eles e elas, exclusivamente para o nosso projeto. A série não prevê um fim, ficará em aberto, sem limites visíveis. Infelizmente, perdemos a chance de conhecer a tecnobiografia da professora Magda Becker Soares (UFMG), que faleceu em 1º de janeiro de 2023, sem nos entregar um original. O aceite rápido e carinhoso que ela nos enviou, um dia, jamais será esquecido. É por isso que dedicamos então esta série a ela, que tanto nos ensinou sobre aprender a ler e a escrever, inclusive na cibercultura.

Neste volume, vamos saber como a professora Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, ou Vera Menezes, teve contato com computadores e os transformou em seu assunto ao longo de décadas.

Boa leitura!

Ana Elisa Ribeiro  
DELTEC · CEFET-MG/ CNPq

# Tecnobiografia



## Primeiros contatos

Minha história com a tecnologia se confunde com minha história de professora e pesquisadora na UFMG. Acredito que a primeira vez que vi um computador sem ser um *mainframe* foi quando fui fazer a correção final de uma prova de inglês para o vestibular da UFMG com a equipe elaboradora. Fiquei pasma ao ver que, ao ser feita uma correção, o texto se autorganizava na tela. Isso deve ter sido em 1988. Não me lembro mais.

No final de outubro de 1989, viajei a Chapel Hill, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, levando parte de minha tese para ser orientada por Mônica Rector. Era minha primeira viagem internacional. Hospedei-me no quarto alugado por uma mes-tranda da Universidade da Carolina do Norte (UNC), ex-aluna da UFMG. A hospedagem foi conseguida com a mediação, por telefone, de uma amiga em comum: Magda Velloso Fernandes de Tolentino. Aquela jovem que nem me conhecia pediu autorização da proprietária da casa para me receber e foi dormir na sala. Aquela menina, Dra. Sandra Regina Goulart de Almeida, hoje é reitora da UFMG, em seu segundo mandato.

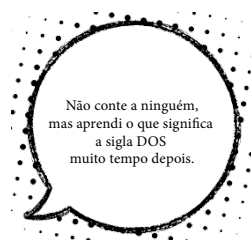


Fonte: Flickr.

Início a escrita deste texto no início de novembro de 2022 e um frio de inverno, em plena primavera, me remete ao frio de outono na UNC, em 1989. Maravilhada com os tons de amarelo, laranja e vermelho que cobriam as árvores e o chão do campus da UNC, atravesso o campus em direção ao laboratório de computador.

Minha orientadora de doutorado na UFRJ, Mônica Rector, havia se aposentado e fora contratada como professora no Departamento de Romance Languages.

Mônica havia me surpreendido ao me matricular em um curso de DOS ([Disk Operating System](#)) e lá fui eu. Fui muito avisada que, naquela cultura, chegar atrasada era algo muito malvisto. Perdi-me no caminho e cheguei atrasada. Entrei no laboratório, pedi desculpas ao professor, e senti em frente a um



computador vago. Nos outros dias, era a maior correria para chegar na hora. Anotei todos aqueles comandos e só fui usar alguns quando terminei minha tese de doutorado, um ano e meio depois, não sem antes fazer outro curso de DOS em Belo Horizonte.

Meu primeiro computador foi comprado em um consórcio, e tive a sorte de ser sorteada logo nos primeiros meses, em 1990. O computador dava direito a um curso. Foi uma semana de muita chatice. Eu lá estava interessada em saber quais eram as partes de um computador e sua história? Passei a semana fazendo muitas anotações. No último dia, o professor nos convidou para irmos a um bar e lá ele me perguntou o que eu tanto anotava. Meu sincericídio aflorou e disse que ficava desabafando no caderno porque as primeiras aulas não eram de meu interesse.

*Ai, que chatice!  
Não aguento mais!  
O professor continua...*

Antes de ter um computador, escrevia à mão e depois datilografava em uma pequena máquina de escrever portátil que não dispunha dos recursos de uma máquina elétrica, como, por exemplo, corrigir um erro sem deixar marcas. Eu errava, tirava o papel da máquina e jogava no lixo. A natureza agradeceu quando comecei a pagar para alguém digitar meus trabalhos das disciplinas do meu doutorado na UFRJ. Entregava o manuscrito e recebia as folhas datilografadas. Para ter uma cópia em meus arquivos, eu tirava Xerox.



Fonte: O Compra.



Meu primeiro computador era uma máquina de escrever sofisticada. Ainda não havia Internet. Para iniciar o computador, era necessário o sistema operacional DOS, muitas vezes salvo em disquete. O processador de texto disponível era o WordPerfect.

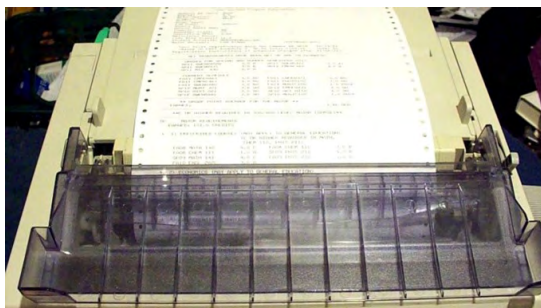


*Meu primeiro computador*  
Fonte: Hardware.



*O disquete em 1990*  
Fonte: Oi Futuro.

Junto com o computador, comprei uma [impressora matricial](#) e uma caixa de formulário contínuo, e foi assim que digitei minha tese de doutorado, que salvava em disquetes. Depois da impressão, era preciso destacar cada folha e retirar as laterais pontilhadas.



*Impressora matricial*  
Fonte: Informatica Shop.

## A chegada da Internet: meninos, eu vi!

Partes do que relato a seguir foram retiradas e/ou adaptadas de textos publicados por mim anos anteriores. Estão todos nas referências deste livro.

A Internet surgiu em 1969, quando o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, preocupado com a Guerra Fria, a corrida armamentista e a necessidade de compartilhar de forma segura informações sigilosas, criou uma rede eletrônica – a Arpanet. Essa rede tinha a finalidade de transferir, de forma espantosamente rápida, uma grande quantidade de dados de um computador para outro.

Antes do surgimento da Internet como conhecemos hoje, conforme lembra Buckman (2001), foi criada uma rede de computadores, a BITNET (Because It's Time Network). Ela diferia da Internet porque ligava um ponto a outro, ou seja, as informações eram transmitidas de um computador a outro e, assim, ponto a

ponto até atingir o destino final. A primeira rede Bitnet foi criada em 1981, entre a City University de Nova York e a Universidade de Yale.

Em 1989, com a criação da [Rede Nacional de Pesquisa](#) (RNP) pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, tivemos o início do desenvolvimento de uma infraestrutura nacional para os serviços de Internet.

Segundo o site da RNP, em 1991, graças aos esforços da Fapesp, algumas instituições públicas em quatro estados (SP, RJ, RS e MG) conseguiram ter conectividade IP (Internet Protocol). Esse tipo de conexão foi logo estendido para um número pequeno de instituições nesses estados com o uso de linhas privadas de baixa velocidade (entre 2.400 e 9.600 bps). A Fapesp já se conectava como o Laboratório de Física de Altas Energias (Fermilab), em Chicago, desde 1988.

A comunidade acadêmica da UFMG foi conectada a essa rede e podíamos acessar os computadores no Laboratório Ciência da Computação. *Yes!*, eu estava conectada ao mundo e virei usuária assídua do laboratório.

Na figura da próxima página podemos ver como era a tela de um terminal e, se resolvêssemos editar o que acabáramos de escrever antes de enviar, teríamos que apagar tudo até o ponto da edição. Não era possível fazer nenhuma edição no que já estava escrito.

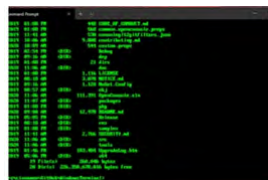
As listas de discussão eram meu novo vício.

## Listas de discussão

As listas de discussão, ou de distribuição, também chamadas de fórum de discussão, reúnem grupos de pessoas em torno de um tema ou de uma área de interesse pessoal ou profissional.

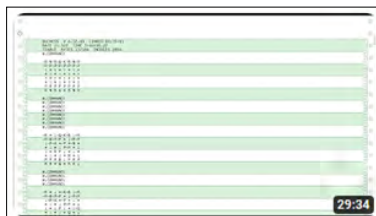
As pessoas se inscrevem na lista por meio de um comando enviado por e-mail ou são inscritas pelos administradores das listas. Elas são gerenciadas por um software servidor de listas (*listserv*), e todas as mensagens que são enviadas ao servidor são distribuídas, por e-mail, a todos os assinantes. Geralmente, os usuários têm duas opções: receber mensagens individuais ou a sequência das mensagens de um dia, em uma só mensagem, chamada de *daily digest*.

O primeiro software para gerenciamento de lista de discussão, dentro da Bitnet, foi criado pela Educom com o apoio financeiro da [IBM](#). Por cerca de 10 anos, essa tecnologia conectou profissionais do ensino superior em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.



Tela de um terminal  
<https://networkencyclopedia.com/>

Buckman (2002) registra que o primeiro servidor de listas foi de grande ajuda, pois os usuários não precisavam digitar vários endereços quando queriam que várias pessoas recebessem a mesma mensagem.



Formulário  
Fonte: Youtube.

Uma das maiores listas de discussão do mundo foi a TESL-L (*Teachers of English as a second language list*), criada em 1991 no [Hunter College da City University of New York \(CUNY\)](#), por Anthea Tillyer, com o apoio financeiro do governo dos Estados Unidos.

A página desse projeto, hoje desativada, registrava que, no final de 2002, TESL-L possuía 20.232 membros em 161 países. Havia também oito sublistas, todas moderadas por colaboradores (ver Tillyer). Eram elas:

- TESLCA-L – Computer-Assisted Language Learning and Educational Technology
- TESLFF-L – Fluency First and Whole Language Approaches
- TESLIE-L – Intensive English Programs, teaching and administration
- TESLIT – Adult Education and Literacy
- TESLJB-L – Jobs, employment, and working conditions in TESL/TEFL
- TESLMW-L – Materials Writers
- TESP-L – English for Specific Purposes
- TESLK-12 – Teaching English to Children

Como o grupo era rigidamente moderado, a média de mensagens era de 10 por dia. Assim, apenas questões relativas ao

ensino e aprendizagem em sala de aula eram postadas. A maioria dos participantes era formada por *lurkers*.

Eu me filiei à TESL-L e a algumas dessas sublistas, e ia todos os dias ao laboratório da UFMG. Imprimia quase todas as mensagens em folhas grandes de um formulário listrado de branco e verde-claro como na figura da página 13. Custei a desapegar do papel, mesmo quando surgiu o recurso de gravar os arquivos. O vício nas listas era tanto que eu costumava ir ao laboratório até nos fins de semana. Participei de alguns debates e aprendi muito com esses colegas espalhados pelo mundo.

Até recentemente, eu tinha guardadas mensagens com sugestões de atividades, livros, artigos e discussões sobre determinados temas sobre ensino e aprendizagem de inglês. Depois de minha aposentadoria, fiz uma limpeza no meu escritório e joguei tudo fora.

Com a chegada da Internet, proliferaram as listas de discussão e os fóruns on-line. Apesar de listas de discussão serem também chamadas de fóruns, uma distinção deve ser feita. Em um fórum típico, a discussão é feita na Web e não são enviadas mensagens por e-mail.

No Brasil, uma lista que foi de interesse para linguistas e professores de línguas foi a CVL (Comunidade Virtual de Linguagem). A lista foi fundada em outubro de 2001 e contava, em 2005, com cerca de 2390 pessoas. Em sua página principal<sup>1</sup>, encontrávamos as seguintes informações:

A lista de discussões Comunidade Virtual da Linguagem (CVL), criada e gerenciada pela Professora MSc. Ana Maria de Moraes Sarmento Vellasco, tem por objetivo precípua reunir os estudiosos da Linguagem para interagirem e trocarem informações. Na CVL são amplamente e em tempo divulgados eventos nessa área de estudos, e trabalhos acadêmicos (artigos, livros, resenhas descritivas e críticas, dissertações de mestrado).

---

<sup>1</sup> <http://groups.yahoo.com/group/CVL/>

do, teses de doutorado, projetos de pesquisa e seus resultados), concursos, etc. A lista de discussões CVL é formada por mais de 3.000 membros (professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação e outros interessados no estudo e no ensino da Linguagem) brasileiros e de outras várias nacionalidades, e nos cinco continentes. Para tornar-se membro da CVL bastava enviar uma mensagem totalmente em branco, inclusive sem assunto e sem assinatura, para: CVL-subscribe@yahoogroups.com

A CVL era hospedada no mais famoso gerenciador gratuito de listas da época – o GroupsYahoo<sup>2</sup>. Em outubro de 2004, o Yahoo hospedava 14.956 listas dentro do tema “Language”<sup>4</sup>; 909 sobre “Language Learning”, 266 sobre Linguistics; 117 sobre Syntax; e 61 sobre Semantics.

Criado em 2001, o serviço de grupos do Yahoo foi fechado (no jargão da Internet, descontinuado) no final de 2020. Alguns grupos migraram para o Google Groups, outros desapareceram.

As listas de discussão foram um ambiente de muita aprendizagem e também de parcerias internacionais, após a criação do primeiro laboratório da Faculdade de Letras da UFMG.

## PRIMEIRA DIGRESSÃO

Mas antes de falar do laboratório, voltemos à história da Internet. O acesso público à Internet só aconteceu no início de 1994, com as provedoras particulares e o acesso discado. Minha primeira provedora foi a UAI, do jornal *Estado de Minas*. Eu deixava para me conectar à noite, pois a conexão impedia o uso do telefone para fazer ou receber chamadas telefônicas. Cheguei a comprar uma segunda linha para ser usada apenas com a Internet. O barulho da discagem para conexão é inesquecível. Ouça [aqui](#).

<sup>2</sup> <http://groups.yahoo.com>

## O laboratório

Em 1996, coordenei a elaboração de um projeto de pesquisa e ensino intitulado Laboratório de Autoaprendizagem de Línguas para concorrer ao edital Proin (Programa de Integração Graduação/Pós-Graduação). Faziam parte da equipe os professores Maralice Souza Neves (responsável pela parte de avaliação) e Kevin John Keys (responsável pela produção de material impresso). Contávamos também com a colaboração de monitores de graduação e de pós-graduação. O projeto foi aprovado pela Capes e efetivamente implantado no primeiro semestre de 1997. Seus objetivos específicos eram:

1. Auxiliar os alunos no alcance de objetivos específicos individuais.
2. Complementar as atividades de sala de aula.
3. Orientar e incentivar a autoaprendizagem.
4. Desenvolver a autonomia do aprendiz nas tomadas de decisão em relação à aprendizagem.
5. Atender às diferenças individuais oferecendo aos alunos materiais que auxiliem aprendizes de diferentes estilos de aprendizagem.



6. Oferecer condições para que os alunos possam sanar suas dificuldades através de atividades individualizadas.
7. Oferecer acesso à informática aos alunos que nunca tiveram acesso a essa tecnologia.
8. Apresentar aos alunos/futuros professores a potencialidade pedagógica dessa tecnologia.

O Laboratório de Autoaprendizagem de Línguas foi implantado com a finalidade prioritária de propiciar aos alunos de línguas estrangeiras (não apenas os de língua inglesa) as condições materiais necessárias para que conduzissem sua própria aprendizagem fora da sala de aula, com ou sem a interferência direta de professores, atendendo, assim, às diferenças individuais do corpo discente. Tais condições foram traduzidas em equipamentos e materiais, dentro da moderna tecnologia instrucional, que auxiliariam a aprendizagem de línguas com acompanhamento de profissionais cuja função seria diagnosticar as necessidades dos aprendizes e auxiliar no planejamento dos programas individuais de estudo.

Quando tive a ideia do projeto, a intenção era montar um *self-access center* e utilizar o computador dentro da perspectiva que Warschauer (1996, p. 5) denomina de Computer Assisted Language Learning, ou CALL Comunicativo. Pretendíamos utilizar tipos de software que possibilitassem ao aluno focar o uso da língua, com a aprendizagem implícita da gramática, em um ambiente que parecesse natural. A ideia era oferecer aos alunos exercícios de reconstrução de textos, jogos linguísticos e processadores de textos com corretores ortográficos e gramaticais. Queríamos programas que dessem ao aprendiz feedback para que eles pudessem monitorar a própria aprendizagem. A verba de cem mil reais foi repassada pela Capes no final de 1996 e, junto com os computadores, chegaram a expansão da Internet na FALE e o acesso à *World Wide Web* (WWW) com a interface que conhecemos hoje.

A compra dos equipamentos foi iniciada no final de dezembro de 1996 e a montagem do laboratório foi feita com a contrapartida da Faculdade de Letras, que financiou a instalação da rede. O laboratório, com capacidade para 30 alunos, foi equipado com computadores, impressoras e scanner, e outra sala foi providenciada para os gravadores, televisão e vídeo. Um quadro de avisos grande continha vários endereços (URLs) que os alunos poderiam acessar.

Atendendo à necessidade de intercambiar experiências e conhecimentos, convidei, em 1998, com o apoio financeiro do Departamento de Letras Anglo Germânicas, a Professora Anthea Tyller, criadora da TESL-L, para ministrar um curso de curta duração (setembro de 1998) para alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin). Outros convidados foram dois pesquisadores australianos: [Robert Debski](#) e [Mike Levy](#), organizadores do primeiro [WorldCall](#) em Melbourne, onde pude assistir a palestras importantes e conhecer a pesquisa em CALL.

Todas essas ações contribuíram para a rápida disseminação da nova tecnologia, e os alunos da graduação que atuavam como estagiários nos cursos de extensão começaram a levar seus alunos até o laboratório e ensinar-lhes a utilizar os recursos disponíveis na Internet.

Em 1997, chegou a WWW nos moldes em que conhecemos hoje. Surgiram novas formas de comunicação e os aprendizes de línguas estrangeiras puderam, pela primeira vez, ter acesso a páginas da Internet e interagir com falantes das línguas por meio de e-mail, listas de discussão e fóruns.

Pela primeira vez, tínhamos uma tecnologia que permitia experiências linguísticas, não artificiais e a língua podia ser mais facilmente ensinada como comunicação e não apenas como um

conjunto de estruturas sintáticas, pois era possível acessar material autêntico como jornais em vários países, além de interagir com outros falantes por e-mail ou chat.

Uma das primeiras páginas com material gratuito para alunos e estudantes foi a [Dave's ESL Cafe](#), criada por David Sperling, com auxílio de colaboradores, em 1995. Muitas outras páginas somaram-se a essa e, hoje, o aluno de língua estrangeira encontra exercícios de leitura, dicionários, projetos colaborativos, exercícios de compreensão oral, etc. No entanto, grande parte desse material continua com foco exclusivo na forma.

O que mais nos animava era a realização de atividades autônomas pelos alunos dos diversos idiomas que frequentavam o laboratório das 8 às 22 horas e que aumentavam suas oportunidades de contato com a língua estrangeira por meio de atividades variadas envolvendo leitura, vocabulário, gramática, interação escrita via e-mail ou chat e interação oral por meio do programa I-phone, que ficou instalado, temporariamente, em uma versão de demonstração.

Em 1997, criei e lecionei a disciplina “Leitura e escrita através da Internet” e vários alunos da pós-graduação tiveram sua iniciação à docência em CALL, como monitores de pós-graduação nessa disciplina. Esses monitores faziam reflexões teóricas sobre o ensino de línguas mediado por computador ao mesmo tempo em que aprimoravam sua prática didática, incorporando as novas tecnologias ao seu fazer pedagógico.

As aulas eram ministradas no laboratório. Em 2009, passaram a ser totalmente on-line (para desgosto de alguns colegas que rejeitavam a tecnologia). Mas os elogios dos alunos deram sobrevida a esse tipo de atividade, que mais tarde foi estendida à pós-graduação.

Eu tentava fazer com que as atividades de leitura fossem muito contextualizadas. A rede mundial de computadores oferecia aos alunos a oportunidade de ter acesso aos jornais do mundo inteiro, e a leitura de notícias era sempre um item incluído no programa. Deixávamos para planejar a data e o conteúdo da atividade de acordo com algum acontecimento marcante. Era o que eu costumava chamar de *Just-in-time Activity*, inspirada pela nova política que surgia nas empresas, a de otimizar tempo e material e produzir à medida que surgia a demanda.

Eu acompanhava o noticiário e inseria a atividade quando surgia uma notícia que estaria em todos os jornais do mundo. Lembro-me que no dia 1º de setembro de 1997, um dia após a morte da Princesa Diana, a tarefa dos alunos foi visitar jornais em várias partes do mundo e comparar as reportagens.

Dentro da perspectiva de que devemos sempre compartilhar o que aprendemos, incluí na primeira disciplina uma atividade que denominei “social project”: cada aluno deveria ensinar um colega não matriculado naquela disciplina a usar a Internet e fazer um relato da experiência, em inglês, via e-mail, para todo o grupo. Dessa forma, estávamos garantindo que mais pessoas passassem a se beneficiar da nova tecnologia, além de propiciar condições menos artificiais de produção de texto, pois havia um propósito comunicativo para a tarefa e leitores bem-definidos para os textos.

O laboratório possibilitou ainda interação com pesquisadores estrangeiros, participação em eventos internacionais e duas experiências pedagógicas que descrevo na próxima seção.

## Trocando o guarda-pó pelo teclado

### INTERAÇÃO COM ALUNOS EM ISRAEL

Por meio da lista de discussão sobre TESLCA-L: TESL and Technology, sublista da TESL-L List, atendi à chamada de colaboração da professora Jean Vermel, da Universidade de Beit Berl, em Israel, para um trabalho colaborativo com a primeira turma (primeiro semestre de 1997). Nossos estudantes puderam interagir com alunos daquela Universidade e um projeto conjunto foi desenvolvido sob nossa orientação. A professora Jean Vermel inseriu o projeto em sua *homepage* e as fotografias das duas turmas foram colocadas na rede. A seguir, algumas fotos dessa experiência.



*Foto dos alunos em Israel*  
Fonte: Paiva, 2002



*Foto da primeira turma no laboratório*  
Fonte: Paiva, 2002.

A foto foi feita com uma máquina fotográfica digital que gravava em um disquete. Demorei horas para carregá-la. Jean pedia para eu diminuir seu tamanho, mas eu não sabia como fazer.



Máquina fotográfica digital com disquete  
Fonte: BuzzFeed.

Naquela época, o curso era todo via e-mail, em uma lista de discussão feita artesanalmente, com cópia para todos os alunos. Era uma luta fazer com que todos usassem o “responder a todos”. Uma aluna nos ensinou como abrir e-mails gratuitos no Yahoo.

Em casa, minha provedora era a UAI. Pouco tempo depois, passei a usar também o serviço de hospedagem gratuito [GeoCities](#) para criar páginas para os cursos com o cronograma da disciplina e descrição das tarefas. Tratava-se de um serviço de hospedagem de sites muito popular na época e que, infelizmente, foi extinto no final de 2009. Com ele, outra tarefa dos alunos era a construção de *homepages* no site. Com a extinção desse serviço, não há como recuperar nem as telas do curso, e nem as páginas dos alunos. Assim é a cultura da Internet: redes se criam e se perdem, mas outras surgem.



Logo da Geocities  
Fonte: Wikimedia  
Commons

Para a lista de discussão, utilizávamos o Groups.Yahoo. Como a UFMG ainda não dispunha de uma rede que pudesse dar e-mail aos alunos, eles utilizavam os gratuitos, como Yahoo, Hotmail, Bol. Para as tarefas, sempre utilizei recursos gratuitos.

A ementa da primeira disciplina era assim descrita: “desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita através de exercícios disponíveis na Internet e da interação com outros aprendizes de Língua Inglesa em outros países”. O programa incluía 10 itens; além deles, os alunos deveriam ter um *keypal* (amigo virtual) e apresentar cópia da interação em inglês. Não me esqueço de uma aluna que começou a namorar um americano e ele veio ao Brasil visitá-la. Ficaram noivos, mas não se casaram. As tarefas eram:

1. General information about the Internet
2. Internet and language learning: how to use the technology
3. Writing personal letters and cards
4. Reading and writing: “Ask Miss Haine”
5. Finding information about places all over the world
6. Grammar practice
7. Weekly idioms
8. Fluency through fables
9. Reading the daily news
10. Student’s personal projects

## PROJETO IBUNKA

Meu acesso a esse projeto também se deu na lista de discussão TESL-L. Coordenado pelo professor Masahito Watanabe da Universidade de Meikai, no Japão, o projeto Ibunka (“cultura” em japonês) reunia grupos de estudantes e seus professores em várias partes do mundo para trocar pontos de vista sobre as diferentes questões culturais. As atividades envolviam um fórum de discussão, sessões de chat e trocas de video letters. Os temas para discussão eram vida escolar, culturas e problemas, como a paz social.



Em 2005, aderi ao projeto Ibunka como parte da disciplina “Computer Assisted Language Learning”. O objetivo era promover a troca de ideias e experiências culturais entre alunos de vários países, buscando semelhanças e diferenças culturais. Meus alunos participavam voluntariamente, pois o projeto se desenvolvia de outubro a dezembro e nosso semestre letivo terminava antes do fim das atividades. Na última participação, eram 13 países: Alemanha, Argentina, Brasil, Burkina Faso, Emirados, Estados Unidos, China, Finlândia, Indonésia, Japão, Coreia, México, Namíbia e Taiwan.



Página da disciplina Computer Assisted Language Learning  
Fonte: Arquivo pessoal.

Na foto a seguir, estou junto com o professor Watanabe e outras três professoras participantes.



Participantes do Projeto Ibunka  
Fonte: Arquivo pessoal.

A seguir, a figura reproduz uma das páginas da disciplina “Reading and writing through the Internet”. O layout mudava a cada ano, e também algumas das atividades.



Print da página da disciplina Reading and writing through the Internet  
Fonte: Arquivo da autora

## SEGUNDA DIGRESSÃO

Antes mesmo da extinção do GeoCities, eu registrei um domínio próprio, veramenezes.com, e comecei a pagar um provedor para hospedar minhas disciplinas, pois não havia como hospedar na FALE. Minha página, <http://veramenezes.com>, ainda está no ar, mas os links para cursos e disciplinas foram retirados.

Quando foi possível a hospedagem de páginas na Faculdade, o serviço veio cheio de restrições e era preciso contar com a boa vontade do funcionário responsável para uploads e modificações.

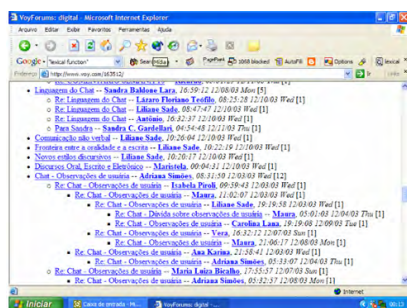


O único site que hospedei foi o projeto de ensino, pesquisa e extensão [ARADO](#), que funcionou de 2004 a 2011. O projeto foi descontinuado em função de implicações próprias da negação da inovação.

Nunca tive autorização para editar as páginas dos cursos e nunca reclamei, porque entendia que era uma questão de segurança. Para se ter tranquilidade, sempre achei melhor pagar para trabalhar.

## OS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVAS)

Quando comecei os AVAs, como [Blackboard](#), [First Class](#) e [Virtual-U](#), eram todos pagos e não havia verba na universidade para o uso dessas ferramentas. O jeito era fazer meu próprio AVA com minhas gambiarras. Assim, eu apelava para recursos gratuitos como: as listas de discussão do [Yahoo-Groups](#); depois as do [Google Groups](#); fóruns gratuitos hospedados no [Voy forums](#); o quadro interativo [Padlet](#) (antigo Walwisher); [wikispace](#) (também desativada) para escrita colaborativa, etc.



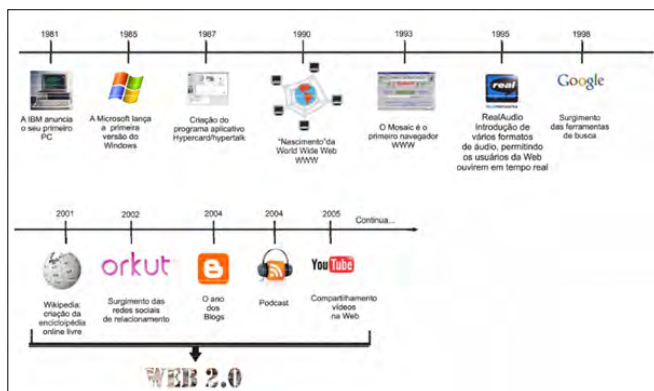
Printscreen de uma tela de fórum hospedado no Voy  
Fonte: Paiva e Rodrigues-Junior (2009).

Depois surgiram os AVAs gratuitos, como o Teleduc e o Moodle. O [Teleduc](#), criado na Unicamp, podia ser baixado e usado de forma gratuita. No início, era hospedado no Departamento de Engenharia Elétrica; depois tivemos a instalação na Faculdade de Letras. Em seguida, veio o [Moodle](#), que se tornou uma ferramenta disponível para todos os professores da UFMG. Apesar de

todas as ferramentas oferecidas pelo Moodle, continuei a agregar outras tantas para suprir o que não era disponível na plataforma, como o Padlet e ferramentas como o [YouTube](#), o [vocaroo](#) (serviço gratuito de gravação de áudio), o [Voki](#) (criação de avatar), etc.

Em conjunto com colegas, publicamos dois e-books digitais gratuitos que apresentam, em português e inglês, 50 ferramentas digitais em cada um. São eles: *Mão na Massa: ferramentas para aprender e ensinar* e *Mão na massa: ferramentas digitais para aprender e ensinar II / Hands on : digital tools to learn and teach II*.

Minha história com a Internet pode ser resumida com as seguintes linhas de tempo, que vão da Web1.0 (na qual predominava o acesso ao conteúdo) à Web2.0, com as ferramentas de criação de conteúdo e de interação.




Evolução da tecnologia, segundo Bohn (2007).  
Fonte: Paiva, 2015.

Criei uma comunidade no famoso Orkut, chamada “Odeio a ABNT”, criei um blog no [Blogger](#), que ainda está lá, passei a assistir a vídeos no YouTube, especialmente nos canais de notícia alternativos como [Brasil 247](#), [TV GGN](#) e muitos outros.







Continuação da rede de tempo da Web 2.0  
Fonte: Elaborado pela autora.

Ouç músicas e podcast no [Spotify](#) e guardo meus dados, fotos e arquivos no [Dropbox](#). Criei minha página no [Facebook](#) e no Instagram, com o qual não me dou bem. Cansei do Facebook e fiquei viciada no [Twitter](#), mas acabei de criar meu perfil na rede indiana [Koo](#) e acho que, se o Elon Musk, o novo dono, tornar o Twitter insuportável, vou de vez para a nova rede, pois já ando *kooing*.

Não coloquei na linha do tempo o Telegram , criado em 2013, na Rússia. Entrei e logo saí dessa rede. Saí e entrei novamente por causa da campanha do Lula, mas vou-me embora de novo. Não gostei. Fiz perfil no [LinkedIn](#), mas também não uso.

Compro no [ebay](#), no Mercado Livre , no [ifood](#) e na [amazon](#). Leio no [Kindle](#)  instalado no iPhone, no PC e no iPad. Ando de [UBER](#) e, quando dirijo, uso Waze  e [Google Maps](#) . Assisto a filmes e seriados na [Netflix](#), na [globo play](#), no [prime video](#) e na [apple tv](#).

Tenho carteira de vacinação no ConectSUS , carteira de motorista digital , assim como o licenciamento do meu carro. Pelo [gov.br](#), acesso meus dados no imposto de renda, no Detran e vejo meu contracheque. Participo de reuniões no [Google Meet](#)  e no [zoom](#) . Tive até uma aluna cujo perfil era e é [anadigital](#).

Minha vida é digital, mas não cheguei na Web3.0. Gostaria de ter usado realidade virtual para minhas aulas, mas me aposentei antes de aprender como fazer. Ainda não tenho conexão 5G. Ainda não tenho interesse em [Metaverso](#). Digo “ainda” porque eu disse a mesma coisa quando surgiu o mouse.

Criptomoedas? Nem pensar, mas topo visitar lugares e museus em 3D. Adoraria poder navegar pelo comércio eletrônico sem ser bombardeada em seguida por anúncios reiterados do produto, mesmo depois da compra. Isso vai ser possível, em breve, com o avanço da Web3.0.

Que venham novas tecnologias sempre, mas para nosso conforto e lazer, e não para nos ameaçar, nos colocar em risco e irritar.

## Referências

BOHN, Vanessa Cristiane Rodrigues. How the web 2.0 can help teachers in English language teaching: some suggestions. 2007. 36 f. *Monografia* (Bacharelado em Língua Inglesa). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BUCKMAN, J. A history of listservers. *Domino Power*, April, 2001. Disponível em <http://john.redmood.com/listservershistory.html>. Acesso em: 06 de jul. de 2005.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; BRAGA, Junia de Carvalho Fidelis. Tecnologias digitais no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. In: MELLO, Dilma; FELICE, Maria Inês Vasconcelos., eds. *Ensino de Línguas no curso de Letras: práticas, experiências e currículo* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, p. 15-36.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. [O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica](#). In: JESUS, Dânie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). *Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente*. Campinas, SP : Pontes Editores, 2015, p. 21-34. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada v. 44.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Interação e aquisição de segunda língua: uma perspectiva ecológica. In: GERHARDT, Ana Flávia Lopes Magela; AMORIM, Marcel Álvaro de; CARVALHO, Álvaro Monteiro (Orgs.). *Linguística aplicada e ensino de língua e literatura*. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 187-205.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; RODRIGUES JUNIOR, Adail Sebastião. [Investigating interaction in an EFL online environment](#). In: *Handbook of Research on E-learning methodologies for language acquisition*. Hershey PA: Information Science Reference (IGI Global). 2009a. p. 53-68.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. [CALL: a Strange Attractor in Language Education in South America](#). In: WorldCALL 2008, 2009, Fukuoka. *Proceedings of the WorldCALL 2008 Conference: CALL Bridges the World*. Fukuoka: The Japan Association for Language Education and Technology, 2009b. p. 1-4.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Letramento digital através de narrativas de aprendizagem de língua inglesa. *Crop*, n. 12, 2007, p. 1-20.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. [Comunidades virtuais de aprendizagem e colaboração](#). In: TRAVAGLIA, L.C. *Encontro na Linguagem: estudos linguísticos e literários*. Uberlândia: UFU, 2006, p. 127-154.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira e. Tearing down walls and building up a collaborative learning community. *MEXTESOL Journal*. v. 29. n. 2, 2005, p. 21-36.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C. (Orgs.) *Hipertextos gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 68-90.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Caleidoscópio: fractais de uma oficina de ensino aprendizagem*. Memorial apresentado para concurso de Professor Titular na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *A WWW e o ensino de Inglês*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 1, n. 1, 2001, p. 93-116.

TILLYER, Anthea. *The TESL-L Electronic Network*. New York: University of New York/Hunter College, 1995. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED414738.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

WARSCHAUER, Mark. Computer-assisted language learning: an introduction. In: *FOTOS S. Multimedia language teaching*. Tokyo/ San Francisco: Logos International. 1996.



## **CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS – CEFET-MG**

DIRETOR-GERAL

Prof. Flávio Antônio dos Santos

VICE-DIRETORA

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

CHEFE DE GABINETE

Profa. Carla Simone Chamon

DIRETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

DIRETORA DE GRADUAÇÃO

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

DIRETOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E GESTÃO

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

DIRETOR DE EXTENSÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

DIRETOR DE GOVERNANÇA E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Prof. Henrique Elias Borges

DIRETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Prof. Gray Faria Moita

### **DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA**

CHEFE

Profa. Dra. Lílian Aparecida Arão

CHEFE ADJUNTA

Prof. Dra. Ana Elisa Ribeiro

### **BACHARELADO EM LETRAS – TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO**

COORDENADORA

Profa. Joelma Rezende Xavier

COORDENADOR ADJUNTO

Prof. Mariana Jafet Cestari.



#### COORDENADORA

Profa. Dr. Elaine Amélia Martins

#### VICE-COORDENADOR

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

#### COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

#### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

*LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.*

<https://www.led.cefetmg.br/>

led.cefetmg@gmail.com

## AULA ABERTA

© Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, 2023.

© desta edição, LED, 2023.

### COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Dra. Pollyanna de Mattos Moura Vecchio

### EQUIPE

Alícia Teodoro da Silva (Mestranda em Estudos de Linguagens)

Carolina Vasconcelos (Mestranda em Estudos de Linguagens)

Ellen Milena (Ensino Médio Meio Ambiente)

Lívia Souza (Graduanda Letras)

Malu Mayer (Graduanda Letras)

Vinícius Leite (Graduando Letras)

### SÉRIE

## AULA ABERTA

### COORDENAÇÃO E PROJETO EDITORIAL

Ana Elisa Ribeiro

### ASSESSORIA EDITORIAL

Samara Coutinho

### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alícia Teodoro

### CAPA

Ana Elisa Ribeiro e Alícia Teodoro

### FOTO DA CAPA

Arquivo pessoal da autora

### REVISÃO DE TEXTO

Lívia Souza

---

#### Catálogo na Publicação (CIP)

Paiva, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e, 1948-  
P149v Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva : tecnobiografia  
[livro eletrônico] / Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva.  
– Belo Horizonte : LED, 2023.  
Recurso eletrônico ; 35 p. : il. color. – (Tecnobiografias ; v. 1)

Formato: pdf  
Modo de acesso: World Wide Web  
Projeto Aula Aberta  
ISBN 978-65-87948-27-0

1. Autobiografia I. Título. II. Série.

CDD: 923.7

---

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

**Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais**  
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça, Campus I, sala 242  
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169  
Telefone: +55 (31) 3319-7140

SÉRIE

TECNOBIOGRAFIAS **AULA ABERTA**

